

TERESA PAIVA

Entrevistada por Maria Augusta Silva

(1998)

Figura das mais relevantes das ciências neurológicas.

Teresa Paiva acabara de concretizar, na ocasião da presente entrevista, a última prova académica, com uma lição subordinada ao tema «Tempo, ritmos e funções cerebrais». Um passo mais numa carreira brilhante. Muitos projetos em mãos. Um olhar de luz, o desta mulher serena, com três filhas. Descobre sempre um minuto para um gesto solidário. Para a amizade. Tem o culto do humanismo.

Exemplo completo de que as emoções não apagam a inteligência. Sóbria, no entanto. A palavra direta e discreta.

Neurologista de renome. Por mérito. Pela qualidade que norteia o seu modo de estar na vida. Pelo empenhamento na arte das neurociências. De tudo isto dá testemunho a sua carreira.

Gratificante, ao fim de 25 anos em neurologia, concretizar a última prova académica na Faculdade de Medicina de Lisboa?

Um desafio e uma síntese. Gratificante, sem dúvida. As provas de agregação em medicina são complexas, exigentes do ponto de vista profissional e pessoal; senti-as como um passo sequencial da minha

carreira, natural no meu percurso e de grande responsabilidade face à própria faculdade.

A prova foi uma síntese de quê?

A lição subordinou-se a «Tempo, ritmos e funções cerebrais». Basicamente, constituiu uma explanação sobre conceitos relacionados com a noção de tempo em medicina nas áreas em que trabalho: explicar como uma perturbação de um ritmo biológico pode originar uma doença. Por exemplo, os erros humanos atingem dois picos de incidência ao longo do dia: de madrugada e ao princípio da tarde, períodos em que a temperatura corporal é mais baixa. Como consequência prática, os acidentes de viação e os catastróficos, que advêm de erros humanos, dão-se sobretudo nestes períodos. Problemas da mesma natureza resultam do trabalho por turnos. As repercussões socioeconómicas e a necessidade de conhecimento destes ritmos biológicos são evidentes se pensarmos na indústria de transportes e nas exigências das sociedades de trabalho contínuo.

Como está o projeto europeu que tem em mãos no âmbito da telemática da saúde?

É um projeto de grande dimensão, envolvendo 45 grupos europeus, e liderado por Portugal. Talvez valha a pena referir que tem sido altamente qualificado nas diversas auditorias europeias. O nosso país, para além da liderança, assume uma importante componente científica, médica e tecnológica. A partir deste projeto, começou a organizar-se uma rede europeia de neurologia, que integra especialistas nas áreas do sono, cefaleias e epilepsia.

Qual o principal objetivo desse projeto europeu?

Apoiar os clínicos gerais no diagnóstico e tratamento destas doenças, integrando cuidados de saúde primários e centros diferenciados.

Nesse sentido estão a ser desenvolvidos sete protótipos multimédia que serão usados simultaneamente por clínicos gerais e especialistas.

A prevalência destas doenças é significativa na população portuguesa?

Atingem à volta de trinta por cento da população, ou seja, cerca de três milhões de portugueses. O projeto permite que se crie uma rede de teleconsulta entre o Hospital de Santa Maria e os centros de saúde que com ele têm ligação, na Unidade A (Hospital de Santa Maria e centros de saúde de Odivelas, Loures, Lumiar, Alvalade e Benfica). A rede fica, por sua vez, ligada aos restantes países europeus, possibilitando que um clínico geral, quer esteja em Portugal ou na Finlândia, tenha igual acesso às informações e apoios de diagnóstico das doenças de que está a cuidar.

A professora integra, ainda, a organização do Congresso Europeu de Neurologia que vai realizar-se em Lisboa. Como decorrem os preparativos?

Muito bem. O local do encontro será o Centro Cultural de Belém; o programa, a par da vertente científica, incluirá diversas manifestações artísticas. Trata-se, no domínio da neurologia, do último congresso deste século. Assim, a comissão organizadora, da qual faz parte a Sociedade Portuguesa de Neurologia, pretende um congresso especial. O primeiro congresso de neurologia organizado por Portugal foi Egas Moniz quem o promoveu. Este é o segundo.

Que pode significar um congresso de neurologia de fim do século?

Abrem-se as fronteiras e desafios da neurologia para o século XXI. Reequacionam-se as relações entre o cérebro e a mente e o impacto das doenças neurológicas na sociedade. Atente-se nas repercussões

crescentes da demência, das dores de cabeça, distúrbios do sono, tantos mais problemas.

Professora Teresa Paiva, entre os muitos e novos projetos que, de momento, a ocupam por completo, como está, entretanto, a evoluir o da «Caravana do Sono»?

Encontra-se numa fase inicial. Visa o estudo do sono por meios telemáticos em populações carenciadas. Concretamente, no Bairro da Cruz Vermelha da Freguesia do Lumiar. Julgo, aliás, que merece ser sublinhado o apoio a este projeto dado pela própria junta de freguesia.

O sono é diferente nas populações mais carenciadas?

Não se sabe. Mas há a ideia de que a natureza foi democrática tornando o sono igual para todos. Aparentemente, os sem-abrigo dormem com facilidade em qualquer sítio. No sono (não esqueçamos que representa um terço da nossa vida!) decorrem, todavia, fenómenos importantes de recuperação física e mental. E constatamos que as populações mais carenciadas registam elevadas taxas de doenças, muitas delas possivelmente relacionadas com a má qualidade do seu sono.

Os sonhos dessas pessoas serão também diferentes?

Provavelmente não. O estudo dos sonhos permite «abrir uma janela» sobre o funcionamento do cérebro no seu estado puro. Isto é, sem influências do exterior. Realizámos já um primeiro trabalho sobre as relações entre os sonhos e o eletroencefalograma em indivíduos jovens e saudáveis e verificou-se existirem correlações entre as características da atividade cerebral (EEG) e o conteúdo dos sonhos. Sem dúvida que muitos dos sonhos têm componentes visuais, as quais correspondem a ritmos específicos do eletroencefalograma.

Como será, então, o processo dos sonhos nos invisuais?

É mais um dos projetos que o nosso grupo está a desenvolver como tese de mestrado em biofísica. Tem de muito interessante, creio, tentar perceber como no cérebro dos invisuais se processam as atividades oníricas, se ainda preservam capacidade para imagens rudimentares e como usam as zonas do cérebro que, por regra, tratam a informação visual.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*